



As trágicas razões das emoções mobilizadas por Heinrich Himmler em discurso endereçado aos generais da SS em 18 de fevereiro de 1937

Fábio Ávila Arcanjo

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil

orcid.org/0000-0002-8525-9737

Este artigo objetiva examinar o discurso proferido por Heinrich Himmler, no dia 18 de fevereiro de 1937, endereçado à alta cúpula militar do Partido nazista. A fala do líder da SS funciona como uma diretriz (interdição das relações sexuais entre homens) a ser seguida pelos membros do partido e que começa a ser instaurada, junto à população civil, com a ascensão de Hitler ao “Reichstag”. Nosso objetivo é discutir a intrínseca relação existente entre razões e emoções, assentados em trabalhos desenvolvidos por Plantin (2010; 2011) e Ansart (2019). Ademais, faremos uma breve discussão a respeito das condições dos homossexuais alemães em duas temporalidades: durante a República de Weimar e após a ascensão de Hitler. Nosso principal modelo analítico é o da tópica da emoção, de Christian Plantin, que será mobilizada na análise de alguns fragmentos marcantes, nos quais se destacam a homofobia do orador e a exaltação do orgulho nazista.

Palavras-chave: Homossexualidade. Nazismo. Emoções. Razões.

Las trágicas razones de las emociones mobilizadas por Heinrich Himmler en discurso dirigido a los generales de las SS, el 18 de febrero de 1937

Este artículo tiene como objetivo examinar el discurso pronunciado por Heinrich Himmler el 18 de febrero de 1937, dirigido a la alta cúpula militar del Partido Nazi. El discurso del líder de la SS funciona como una directriz (la prohibición de las relaciones sexuales entre hombres) a ser seguida por los miembros del partido y que comienza a ser instaurada, junto a la población civil, con la ascensión de Hitler al “Reichstag”. Nuestro objetivo es discutir la relación intrínseca entre razones y emociones, asentados en trabajos desarrollados por Plantin (2010; 2011) y Ansart (2019). Además, haremos una breve discusión acerca de las condiciones de los homosexuales alemanes en dos temporalidades: durante la República de Weimar y después del ascenso de Hitler. Nuestro principal modelo analítico es el de la tópica de la emoción, de Christian Plantin, que será mobilizada en el análisis de algunos fragmentos llamativos, en los cuales se destacan la homofobia del orador y la exaltación del orgullo nazi.

Palabras clave: Homossexualidad. Nazismo. Emociones. Razones.

The tragic reasons for the emotions mobilized by Heinrich Himmler in a speech addressed to the SS generals on 18 February 1937

This article aims to examine the speech given by Heinrich Himmler on February 18 1937, addressed to the high military leadership of the Nazi Party. The speech of the leader of the SS functions as a guideline (the prohibition of sexual relations between men) to be followed by members of the party and that begins to be established, along with the civilian population, with the rise of Hitler to the “Reichstag”. Our objective is to discuss the intrinsic relation between reasons and emotions, based on works developed by Plantin (2010; 2011) and Ansart (2019). In addition, we will make a brief discussion about the conditions of German homosexuals in two temporalities: during the Weimar Republic and after the rise of Hitler. Our main analytical model is the topic of emotion, by Christian Plantin, which will be mobilized in the analysis of some striking fragments, in which the homophobia of the speaker and the exaltation of Nazi pride stand out.

Keywords: Homosexuality. Nazism. Emotions. Reasons.

Introdução

O período entre os dois conflitos bélicos mais sangrentos do século XX e seus desdobramentos “a posteriori” é caracterizado por determinadas instabilidades e paradoxos. Trazendo o foco para a Alemanha, é sabido que este país, após a Primeira Guerra Mundial, sofreu diversos impactos econômicos e políticos, por intermédio das sanções estipuladas pelo Tratado de Versalhes, decretado em 29 de junho de 1919, cujo marco central foi imputar a esse país a posição de grande responsável pelo desencadeamento do conflito bélico entre as nações europeias. Em vista disso, talvez a palavra que melhor possa definir a chamada República de Weimar (regime instaurado na Alemanha entre os anos de 1918 e 1933) seja fragilidade, com diversas correntes partidárias lutando entre si para alcançar a hegemonia no “Reichstag”.

Assentados nesse introito, iremos iniciar uma discussão a respeito de um destacado paradoxo existente na Alemanha, ponderando, neste estudo, a condição vivenciada pelos homossexuais, que tiveram suas vidas radicalmente transformadas em um intervalo de menos de vinte anos. Decerto, a despeito da vigência do Parágrafo 175, os homossexuais gozavam de certa liberdade, podendo viver sua sexualidade de forma relativamente plena, durante a República de Weimar, algo que foi drasticamente modificado, com a ascensão de Hitler ao poder no ano de 1933. No decorrer do funcionamento, a duras penas, da República de Weimar, com ênfase nos anos 1920, Berlim era uma passagem obrigatória para os homossexuais europeus (Tamagne, 2000), a ponto de ser conhecida, naquele período, como a capital gay da Europa. Isso se deve, em parte, àquilo que Florence Tamagne entende como modelo comunitarista e militante, mobilizado naquele país:

A Alemanha ocupa um lugar à parte na gênese dos movimentos homossexuais, como berço do militantismo homossexual e modelo de organização para os outros movimentos europeus. A partir, aproximadamente, do ano de 1890, os homossexuais alemães procuraram despertar o interesse da opinião pública, em relação à sua condição, concentrando-se nomeadamente na abolição do Parágrafo 175 do código penal, que condenava os atos homossexuais entre homens¹. (Tamagne, 2000, p. 93, tradução nossa).

É pertinente chamar a atenção para este artigo, que criminaliza a relação entre homens, incluso no código penal prussiano no ano de 1871, sendo contíguo ao

¹ No original: “L’Allemagne occupe une place à part dans la genèse des mouvements homosexuels, en tant que berceau du militantisme homosexuel et modèle d’organisation pour les autres mouvements européens. Dès 1890, environ, des homosexuels allemands tentèrent à intéresser l’opinion à leur sort; ils concentrèrent notamment leurs efforts sur l’abolition du paragraphe 175 du code penal, qui condamnait les actes homosexuels entre hommes”.

processo de unificação alemã. É como se a criminalização dessas relações fosse uma espécie de pré-requisito para o início da nação germânica. Apesar de sua vigência, a aplicação da lei foi, de certa forma, menos rígida até o ano de 1935, momento em que ela recebe uma notória ampliação, restringindo, severamente, a liberdade dos homossexuais.

O paradoxo a ser considerado em nosso estudo refere-se ao pequeno intervalo de tempo em que a vida social dos homossexuais sofreu uma severa transformação. Nos anos 1920, embora houvesse traços de clandestinidade e a vigência de uma lei que, de certa forma, os relegava à condição de proscritos, a Alemanha, sobretudo a cidade de Berlim, era a nação mais visada por homossexuais europeus, em função da existência de diversas associações políticas, clubes e bares. Em pouco mais de dez anos, o quadro se modifica, com a ampliação da lei, em uma revisão que “fornece base legal para a perseguição nazista aos homossexuais. Qualquer ato que pudesse ser interpretado como homossexual, ‘atividades criminalmente indecentes entre homens’ é punível. [...] Agora, até um abraço entre homens é passível de punição.” (Settingington, 2017, p. 119).

A ampliação do Parágrafo 175, inscrita no código penal em 28 de junho de 1935, é uma ação vinculada à esfera legislativa, impulsionada pelos interesses da alta cúpula do partido nazista, que já havia se livrado, um ano antes, de uma figura influente, o homossexual e então chefe da SA, Ernst Röhm, na célebre “Noite das facas longas”². No que diz respeito a esfera política, trazendo o foco para o nosso *corpus* de análise, a figura que merece maior destaque nessa luta desigual contra a homossexualidade é Heinrich Himmler, chefe da SS (polícia do Estado nazista), cuja homofobia se mostrava acentuada em diversos proferimentos.

Para este artigo, iremos analisar o discurso proferido por Heinrich Himmler no dia 18 de fevereiro de 1937, contíguo ao endurecimento do Parágrafo 175. Tal proferimento funciona como uma exortação aos generais alemães, alertando para os riscos oferecidos por um comportamento que foge às normas e padrões estipulados. De acordo com Tamagne (2000), os princípios de hostilidade dos nazistas, em relação aos homossexuais, são traçados nesta exposição oral, recepcionado por membros de

² “A Noite das Facas Longas marcou um ponto de virada, uma vez que serviria de justificação para um endurecimento da política do regime em relação aos homossexuais e que iniciou uma série de campanhas políticas que utilizariam a acusação como um meio para desacreditar opositores” (TAMAGNE, 2006, p. 86, tradução nossa). No original: “La Nuit des longs couteaux marquait de fait un tournant, puisqu’elle allait servir de justification à un durcissement de la politique du régime à l’égard des homosexuels et qu’elle initiait une série de campagnes politiques qui utiliseraient l’accusation d’homosexualité comme un moyen pour discréditer des opposants”.

alta patente militar do partido nazista. Segundo a autora, nesse texto, “encontramos enumerados os princípios que justificariam a homofobia nazista.”³ (Tamagne, 2000, p. 439, tradução nossa).

O desenvolvimento das análises se dará por intermédio do aparato teórico introduzido por Plantin (2010; 2011), segundo o qual é preciso adotar um olhar analítico que prima em integrar as razões, em meio à mobilização das emoções. Plantin defende que

[...] no discurso que circula no cotidiano, razão e emoção são inseparáveis; pelo mesmo movimento, com as mesmas regras que lhe permitem afirmar uma posição argumentativa, ou simplesmente um discurso coerente, o falante se liga de forma indissolúvelmente racional e emocionalmente⁴. (Plantin, 2011, p. 2, tradução nossa).

Com isso em mente, o nosso gesto de leitura primará em elencar trechos significativos do proferimento de Himmler, no qual vemos mais marcadamente presente a inscrição da homofobia, voltando o olhar para a dinâmica, observada por Plantin (2010; 2011), existente entre “enunciados de emoção”, “lugares psicológicos” e “fonte de emoção”. Além disso, os fragmentos escolhidos serão analisados com base no que Plantin (2010) compreende como uma “tópica da emoção”, que funcionaria como um mapeamento das formulações patêmicas a ser realizado por intermédio de questões-chave. Isto será mais bem detalhado no decorrer do texto.

Não se pode deixar de pontuar, ainda, que as emoções, suscitadas pelo orador (Heinrich Himmler), estão assentadas em valores, crenças e imaginários circulantes e, nesse sentido, o aporte teórico de Plantin será perspectivado com o pensamento de Pierre Ansart, que teorizou a existência de uma gestão das paixões políticas. Segundo o sociólogo francês, “cada movimento da vida política é marcado pela difusão de múltiplas mensagens que visam influenciar os vínculos e as repugnâncias, as esperanças e os temores, os sentimentos positivos e negativos em relação a objetivos, instituições ou heróis da cena política.” (Ansart, 2019, p. 11). Nossa hipótese, empregando como estudo de caso o nefasto texto de Heinrich Himmler, é que a repugnância em relação aos homossexuais foi fruto de uma construção racional.

³ No original: “On y a trouve énumérées les principales causes de l'homophobie nazie.”

⁴ No original: “[...] dans le discours ordinaire, raison et émotion sont inséparables; par le même mouvement, avec les mêmes règles qui lui permettent d'affirmer une position argumentative, ou simplement un discours cohérent, le locuteur se lie de manière indissolublement rationnelle et émotionnelle.

1 O inimigo homossexual

Pensar na condição dos homossexuais, em meio à ascensão nazista, implica lidar com determinadas lógicas que se mostram complexas. Em primeiro lugar, embora indesejado, o sujeito homossexual tinha “a seu favor” a possibilidade, conforme análise acurada da alta cúpula do partido nacional-socialista, de ter o seu comportamento “corrigido”, algo que era negado, por exemplo, aos judeus. De fato, “nos documentos da época, a expressão “homosexuelle veranlagung” surgia constantemente. Para os nazistas, seria possível corrigir esta predisposição.⁵” (Schlagdenhauffen, 2011, p. 14, tradução nossa.). Havia, nesse tipo de raciocínio, por meio da classificação nazista, dois tipos de homossexuais: o predisposto à homossexualidade e o irrecuperável.

Considerando o estatuto do homossexual enquanto vítima, há ainda um outro tipo de categorização, lembrando que a imputação de rótulos era, de alguma forma, condicionada à maneira como certos sujeitos tinham suas imagens construídas pelo regime. Há, de um lado, a vítima homossexual, alguém que foi perseguido em razão de seus desejos e práticas sexuais; e do outro, a vítima, perseguida em função de ações políticas refratárias ao “modus operandi” nazista, que era homossexual. De certa forma, podemos imaginar, a partir da descoberta de sua “predisposição” sexual, que o segundo acabava recebendo o mesmo tratamento que o primeiro, lembrando que, como bem pontuam Boisson (1987), Schlagdenhauffen (2011), entre outros, o sujeito homossexual, nos campos de concentração, recebia um tratamento severamente degradante, similar ao que acontecia aos judeus. Iremos abordar essa questão do estatuto da vítima homossexual em um outro artigo, que está em desenvolvimento.

O que importa destacar, neste instante, é que o ano de 1933 se configura como um ponto de virada na vida dos homossexuais alemães, em função de uma acentuada política homofóbica. O nome que merece destaque, negativo, é claro, nessa cruzada contra os homossexuais foi, conforme apontamos anteriormente, Heinrich Himmler. Segundo Tamagne (2000), entre os anos de 1935 e 1939, há uma marcante aceleração na política de repressão. Para a autora, “a luta contra a homossexualidade foi organizada de forma sistemática. Uma diretiva secreta emitida por Himmler, no dia 10 de outubro de 1936, que tinha por objetivo ‘a luta contra a homossexualidade e

⁵ No original: “Dans les documents de l'époque, l'expression 'homosexuelle veranlagung', revient constamment. On peut la traduire em français par 'predisposition à l'homosexualité'. Pour les nazis, il serait possible de corriger cette prédisposition”.

contra o aborto' ampara essa diretriz política.⁶ (Tamagne, 2000, p. 548-549, tradução nossa). Com isso, foi criado um escritório especial voltado para o combate à homossexualidade e à realização do aborto, no seio da polícia criminal do Reich, intitulado "Reichszentrale zur Bekämpfung der Homosexualität und der Abtreibung". Schlagdenhauffen (2011) pontua que, com a criação desse escritório, Himmler e os demais ideólogos nazistas evidenciam uma grande preocupação com a homossexualidade e com o aborto, no sentido de que eles seriam ameaças diretas ao aumento da população ariana, algo que era uma diretriz clara e manifesta do partido.

O que é instaurado, amparado por essa institucionalização da homofobia, é um forte sistema de fichamento e de classificação, com os casos de homossexualidade sendo prontamente reportados por intermédio de uma forte vigilância, espalhada, vale afirmar, em toda a população alemã, gerando gestos de chantagem e de denúncia. Para Régis Schlagdenhauffen,

A perseguição foi facilitada pela criação de arquivos centralizados, que listavam os indivíduos tratados como homossexuais pela polícia. Graças a esses arquivos, a polícia reconstruiu as redes de sociabilidade homossexual, o que lhe permitiu monitorar e neutralizar os homossexuais no nível das estruturas comunitárias do grupo.⁷ (Schlagdenhauffen, 2011, p. 14, tradução nossa).

Informamos, em linhas anteriores, que o ano de 1935 teve uma trágica importância na vida dos homossexuais, com o Parágrafo 175 sofrendo um decisivo incremento em seu caráter repressor, desencadeando um sistema de vigília, fichamento e aprisionamento. Contudo, dois anos antes, logo após a chegada Hitler ao poder, inicia-se uma forte campanha de repressão. Schlagdenhauffen (2011) observa que, em poucas semanas, três decretos de cunho moral são publicados: o primeiro é voltado para o combate à prostituição; o segundo, por seu turno, objetivou fechar bares avaliados como "indecentes", por serem frequentados por pessoas que cometiam "atos contra a natureza" (terminologia presente no texto do Parágrafo 175); e, por fim, o terceiro interditava a publicação de revistas que, a exemplo dos bares, seriam igualmente tidas como "indecentes".

⁶ No original: "[...] la lutte contre l'homosexualité fut organisé de manière systématique. Une directive secrète d'Himmler, daté du 10 octobre 1936 et ayant pour objet 'La lutte contre l'homosexualité et l'avortement' lui servit de base.

⁷ No original: "La persécution a été facilitée par la mise en place de fichiers centralisés répertoriant les individus considérés comme homosexuels par la police. Grâce a ces fichiers, la police a reconstruit les réseaux de sociabilité homosexuelle, ce qui lui a permis de surveiller et de neutraliser les homosexuels au niveau des structures communautaires du groupe".

Estão traçadas, conseqüentemente, as diretrizes para a instauração de um clima refratário aos homossexuais, por intermédio de algo nomeado por Ansart (2019) de “código oficial dos bons sentimentos”. É sabido que o ódio se configura como uma das emoções mais evocada pelos ideólogos nazistas, isso porque, em um sistema totalitário, não há espaço de inscrição para a dissidência. Segundo Pierre Ansart, há três pilares fundamentais para a instauração do totalitarismo: em primeiro lugar, temos a profusão e a amplificação de mensagens emocionais; em segundo lugar, a institucionalização do ódio, com a atuação violenta do aparato policial; e, por fim, o espraio do clima totalitário, com “todos os aparelhos sociais, submetendo-se ao controle do Estado, [tornando-se], direta ou indiretamente, ‘aparelhos afetivos do Estado’, que devem se adaptar às regras do amor oficial e, à sua maneira, tornarem-se seus substitutos”. (Ansart, 2019, p. 140-141). Diante disso, o sociólogo francês pontua que os apelos emocionais operam um trabalho de transmissão, definindo e cristalizando, em distintos extratos sociais, quem ocuparia o papel de herói e contra quem esses heróis precisariam lutar.

Os apelos emocionais funcionam, portanto, como um estágio preparatório para a desejável violência física. Focalizando a vivência dos homossexuais nesse período de pleno estreitamento das liberdades individuais, dois acontecimentos mostram-se notórios. O primeiro, em uma escala extra partidária, e extremamente simbólico, é a destruição do Instituto de Pesquisas Sexuais, de Magnus Hirschfeld, em 06 de maio de 1933, por membros da juventude hitlerista. O segundo, instaurado no seio do partido nazista, foi a já apresentada “Noite das facas longas”⁸.

É interessante notar a existência de um movimento recorrente: em primeiro lugar, a formulação dos apelos emocionais (a fase da organização do “código dos bons sentimentos”), criando as imagens daqueles que deveriam ser amados e daqueles que seriam a fonte do desprezo, e formulando as condições de emergência para violência física (o segundo estágio nesse movimento); e, por fim, em terceiro lugar, a discursivização da legitimação da violência, que se dá por intermédio, novamente, dos apelos emocionais. A destruição do Instituto de Magnus Hirschfeld, por exemplo, simboliza, de forma eficiente, essa dinâmica, conforme podemos

⁸ “Em junho de 1934, a eliminação de Ernst Röhm permite à Heinrich Himmler, chefe da SS, colocar em cena uma campanha de difamação contra a homossexualidade. De acordo com ele, os homossexuais são ‘des Volksschädlinge’, os ‘parasitas do povo’”. (Schlagdenhauffen, 2011, p. 20). No original: En juin 1934, l’élimination d’Ernst Röhm permet à Heinrich Himmer, le chef de la SS, de mettre en ouvre une campagne de dénigrement de l’homosexualité. Selon lui, les homosexuels sont ‘des Volksschädlinge’, des ‘parasites du peuple’”.

asseverar na reportagem, recortada por Tamagne (2000), de um jornal nazista intitulado **Der Angriff** sobre o acontecimento em questão:

O departamento de estudantes alemães ocupou ontem o *Instituto de Pesquisa Sexuais*, dirigido pelo judeu Magnus Hirschfeld. Este instituto, que parece portar uma ambientação científica, protegido durante quatorze anos pelo poder marxista, era simplesmente, como a busca revelou, o covil da imundície e do lixo.⁹ (Tamagne, 2000, p. 537, tradução nossa.).

Notemos, no excerto anterior, uma visada de justificação, com a figura do inimigo sendo “pintada” com cores deveras gráficas, havendo, ainda, a evocação de um imaginário coletivo que vilaniza os marxistas, os imputando como responsáveis pelo crescimento de um problema que deveria, o quanto antes, ser resolvido. Para esse jornal, há razões para a instauração da emoção do ódio, uma vez que ela se contrapunha a um covil (local habitado por animais selvagens), onde reinava a imundície e o lixo. Certamente, tais adjetivações seriam subscritas por Heinrich Himmler, o inimigo nº 01 dos homossexuais dentro da alta cúpula nazista.

Schlagdenhauffen (2011) destaca três razões que amparariam essa aversão nutrida por Himmler em relação aos homossexuais: em primeiro lugar, segundo o chefe da SS, eles possuem um estilo de vida que ameaça a ideologia nacional-socialista, formando, com isso, um Estado dentro do Estado; em segundo lugar, eles possuiriam uma feminilidade que ameaçaria a instauração de um Estado viril; em terceiro lugar, eles impediriam o desejável crescimento da população ariana. Vemos, destarte, que tais razões funcionam como impulsionadoras dos apelos emocionais, que geraram consequências trágicas para toda uma parcela da população alemã, tida como inimiga dos valores “virtuosos” e dos “bons costumes”, observemos a ironia e a lamentável atualidade dessa argumentação, estipulados pelos ideólogos do nazismo.

Durante o terceiro Reich, dezenas de milhares de homens, suspeitos de práticas homossexuais, foram arquivados pela polícia. Mais de 50 mil homens são condenados por homossexualidade por tribunais civis e militares a penas de privação de liberdade. Paralelamente, muitos milhares de homens e mulheres são internados por homossexualidade em unidades psiquiátricas. Por fim, entre 5 e 10 mil homens são internados por homossexualidade em campos de concentração¹⁰. (Schlagdenhauffen, 2011, p. 14, tradução nossa).

⁹ No original: “Le rayon des étudiants allemands a occupé hier l'Institut für Sexualwissenschaft que dirigeait le juif Magnus Hirschfeld. Cet institut qui se parait d'une couverture scientifique, protégé pendant quatorze ans par le pouvoir marxiste, était simplement, ainsi que la perquisition l'a révélé, le repaire de la saloperie et de l'ordure

¹⁰ No original: “Durant le IIIe Reich, des dizaines des milliers d'hommes soupçonnés d'avoir ds pratiques homosexuelles sont fichés par la police. Plus de 50 000 hommes sont condamnés pour homosexualité par des

2 As boas razões das emoções

É importante fazer uma observação, antes de iniciarmos as discussões sobre o modo como Christian Plantin entende o discurso argumentativo e o papel ocupado pelas emoções neste tipo de discurso. Quando se analisa um proferimento realizado por um nazista, cujo foco era eliminar pessoas, o emprego da expressão “boas razões” parece ser complicado. Contudo, o que está em questão é um confronto axiológico, com determinados valores sendo reputados como positivos (a família tradicional, o nacionalismo, a primazia do militarismo e da bravura etc.), ao passo que outros eram definidos como contraposições marcantes a um estado de coisas instaurado. Evidentemente que o sujeito homossexual simbolizava valores tidos como enfraquecedores da ideologia nazista, entre eles, por exemplo, o da liberdade sexual. Nesse sentido, sob o viés totalitário, adotado por partidários do nacional-socialismo, havia boas razões para que o discurso de Himmler mobilizasse enunciados emocionais, já que esse sistema político era pautado pela destruição do inimigo. Segundo Pierre Ansart,

O discurso totalitário se ordena sobre um conjunto de palavras-chave positivas [...] ou negativas [...], que não são novas nem originais, mas definidas como termos evidentes e irrecusáveis. Os termos designam entidades complexas e necessariamente fluidas, delimitadas de forma peremptória. Enunciando conjuntos ambíguos com conotações fixas, as palavras constroem um universo de evidências absolutas. (Ansart, 2019, p. 136).

Em linhas anteriores, apresentamos uma expressão utilizada por Pierre Ansart, a saber, “aparelhos afetivos do Estado”, que seriam inscrições motivadas pelos idealistas do sistema totalitário, com o fito de espriar certas emoções, no seio de determinadas sociedades, que funcionariam como amparo à institucionalização da repressão e da barbárie. Tais aparelhos suscitariam a evocação das palavras-chaves, que, conforme observamos no excerto anterior, projetam um efeito de homogeneidade e de uniformidade. Há, por consequência, a instauração de uma estrutura afetiva, que “evoca quais objetivos não podem ser interpelados e quais projetos são possíveis. Os apelos emocionais proclamam precisamente que os polos de amor e de ódio estão já definidos e que não se pode, sem perigo, desejar outros.” (Ansart, 2019, p. 144).

tribunaux civils et militaires à des peines de privation de liberté. Parallèlement, plusieurs milliers d'hommes et de femmes sont internés pour homosexualité dans des unités psychiatriques. Enfin, entre 5 000 et 10 000 hommes sont internés pour homosexualité en camp de concentration

Um ponto pertinente que queremos deixar claro, antes de prosseguirmos com as discussões, é nosso expresso objetivo de não vilanizar as emoções, algo que, durante décadas, foi instaurado na estrutura de algumas teorias argumentativas, como, por exemplo, a Pragma-dialética (de van Eemeren e Grootendorst) e a Teoria das falácias (de Charles Hamblin). Em aportes como os citados, enquadrados na chamada teoria crítica da argumentação, “o discurso só pode ser considerado racional se o *éthos* é rigorosamente depurado, normatizado e apartado dos afetos.”¹¹ (Plantin, 2011, p. 63, tradução nossa).

Nossa perspectiva, ancorados em Plantin (2010; 2011), é de integração das emoções nas razões, no sentido de as primeiras não se caracterizarem, nem como meros acessórios, nem como entraves, mas, de forma distinta, elas se configuram como dispositivos fundamentais na construção do discurso argumentativo. Nessa visada, “a formulação de um enunciado de emoção considerará os tipos de razões que sustentam a intencionalidade do discurso construído pelas respostas que buscam legitimar uma emoção” (Lima, 2016, p. 248). Lima (2016) ainda complementa, afirmando que, no ponto de vista de Plantin, o que assegura a coerência do discurso emocionado seriam os “*topoi*”.

O modelo de Plantin, portanto, busca equacionar, a nosso ver, três eixos centrais: em primeiro lugar, desenvolver um método de análise do discurso que argumenta uma emoção, examinando o “estado psicológico” designado por “enunciados de emoção”, atribuído a um sujeito, que funciona como “lugar psicológico”, advindo, daí, a estruturação tripartite formada, justamente, pelo “termo de emoção”, pelo “lugar psicológico” e pela “fonte”. Em seguida, conforme observado por Lima (2016), o linguista francês intenta se voltar aos princípios, os chamados “*topoi*”, que trariam um efeito de coerência ao discurso estruturado em apelos emocionais.

Em terceiro lugar, concatenando os eixos anteriores, ele formula o modelo da “tópica da emoção” por intermédio de três inspirações: nas técnicas da emoção na retórica antiga, na esteira das análises operadas por Heinrich Lausberg (regra sobre a emoção encenada, regra sobre a apresentação e a representação e a regra sobre a “*mimesis*”); nas dimensões psicológicas e linguísticas das emoções, com a investigação linguística se voltando para categorias como “avaliação”, “quantidade” e “controle”; e, finalmente, no componente da avaliação cognitiva das emoções,

¹¹ No original: “[...] le discours ne peut être tenu pour rationnel que si l’*éthos* est rigoureusement épuré, normé et si l’on s’est débarrassé des affects.”.

formulado por Klaus R. Scherer, e voltado para examinar estruturas como “consequências para si”, “expectativas”, “duração dos efeitos”, “tipo de atividade”, “locação do evento”, “agente do evento”, “relacionamento do agente” e “ação do agente”.

Estão formadas as condições para a concepção do modelo linguístico da “tópica da emoção”, no qual Plantin pretende recortar o discurso emocionado se municiando de doze categorias interrogativas (O que? Quem? Como? Quando? Onde? Quanto? Por que? Consequências? Normas? Controle? Distância? Aprovação?). Este modelo, assentado em regras tópicas, é uma contrapartida discursiva ao sistema cognitivo adotado por Karl R. Scherer (Plantin, 2010), possibilitando ao analista pontos de ancoragem que podem possibilitar um olhar mais acurado para determinadas materialidades discursivas de teor argumentativo.

3 Gesto de análise

O discurso de Heinrich Himmler, de 18 de fevereiro de 1937, tem um endereçamento notadamente marcado, a saber, a alta cúpula militar da SS, uma instância subjetiva que se enquadraria plenamente na condição de “raça ariana”. O primeiro oficial da SS estaria, portanto, direcionando a sua fala aos convertidos, isto é, àqueles que já professam os valores e as crenças do sistema totalitário nazista. Embora não haja a intenção marcada de persuasão (estava em jogo o reforço de um valor plenamente aderido), o que parece existir, no proferimento em questão, é uma intencionalidade de alertar os alemães para uma prática, vigente entre alguns habitantes daquele país, que era tida como indesejável, considerando os ideais tradicionalistas e totalitários instaurados. Vejamos como é estruturado o introito desse discurso:

(T1)¹² Quando tomamos o poder em 1933, descobrimos as associações homossexuais. Elas contam com dois milhões de membros; estimativas prudentes dos funcionários designados para lidar com este problema indicam a existência de quatro milhões de homossexuais na Alemanha¹³. (Boisson, 1987, p. 217, tradução nossa).

¹² Esclarecemos que, para os excertos reproduzidos neste artigo, tomamos por base a tradução realizada em língua francesa, pelo fato de não dominarmos adequadamente o idioma alemão. O discurso está inserido como anexo no livro **Le Triangle Rose**, escrito por Jean Boisson, lançado no ano de 1987. Para facilitar a remissão aos trechos a serem analisados, nós os numeramos como T1, T2 e assim por diante.

¹³ Na versão em língua francesa: “Lorsque nous avons pris le pouvoir en 1933, nous avons découvert les associations d'homosexuels. Elles comptent deux millions de membres; les prudentes estimations des fonctionnaires chargés de ce problème indiquent jusqu'à quatre millions d'homosexuels en Allemagne.”

Em um primeiro momento, é possível inferir que, no trecho destacado, não há, de forma evidenciada, o impulsionamento de enunciados de emoção. O que o orador parece fazer é somente apresentar o cenário, no sentido de discursivizar uma determinada “realidade”. Estamos diante de uma estrutura clara de introdução, que cria no leitor a expectativa de que alguns argumentos serão apresentados “a posteriori” para melhor referendar os pontos de vista defendidos por esse orador, em relação ao quadro desenhado. No entanto, nessas primeiras quatro linhas, já é possível notar uma tomada de posição, no momento em que a existência dessas associações homossexuais é identificada como um “problema”: Ora, não se pode afirmar que o termo destacado seja uma emoção, contudo, ele aponta uma construção argumentativa que visa suscitar emoções, a serem, posteriormente, mais bem argumentadas perante o auditório.

Plantin (2010) observa que, para além do “dever crer” e do “dever fazer”, o discurso argumentativo permite a inscrição de um “dever experienciar”, tomando “como ponto de partida o dado linguístico [para] explicar a orientação explícita de um discurso (D) em direção à expressão de um afeto”. (Plantin, 2010, p. 57). No excerto destacado, o dado linguístico seria o item lexical “problema”. Em uma rápida consulta ao **Dicionário Online de Português** (dicio.com.br), o significado de problema¹⁴ aponta para algumas direções interessantes, tais como: “questão ou circunstância cuja resolução é muito difícil”; “situação muito complicada de resolver”; “aquilo que impede ou dificulta”; entre outras. Diante disso, identificar algo como problemático, junto a um determinado auditório, significaria suscitar neste público-alvo uma apreensão, incitando a emoção do medo, já que se está diante de algo que “impede ou dificulta” alguma coisa. Além disso, todo problema movimenta gestos e ações voltadas para a sua eliminação, isto é, a percepção de um problema gera a necessidade de se estudar estratégias para a resolução. É nesse

¹⁴ Temos consciência de que o fato de o discurso ter sido proferido em alemão pode, em alguma medida, influenciar, de forma negativa, na análise a ser desenvolvida a respeito do emprego, traduzido em língua portuguesa, deste item lexical. Contudo, apesar de estarmos diante de idiomas diferentes e de temporalidades igualmente distintas, acreditamos que os significados encontrados são condizentes com o estatuto concedido aos homossexuais durante o regime nazista. Amparados nas obras **Triangle Rose: la persécution nazie des homosexuels et sa mémoire**, **Marcados pelo triângulo rosa e Histoire de l'homosexualité en Europe: Berlin, Londres, Paris 1919-1939**, empregadas, neste artigo, como referencial à conjuntura política da época de proferimento do discurso de Himmler, podemos notar que um efeito de sentido, recorrente nos significados apresentados pelo **Dicionário Online de Português**, a saber, a imperativa necessidade de resolução de uma questão importante, é condizente com o *modus operandi* nazista. Conforme podemos perceber na materialidade histórica, esta questão mostrou-se pertinente para os ideais totalitários almejados pelo partido nazista que, diante da existência dos homossexuais (um problema para a concepção idealizada de nação), passou a adotar medidas burocráticas para a resolução, conforme pontuamos ao longo do texto.

ínterim que se deve pensar nesse discurso, organizado para a pronta resolução de “uma questão muito complicada de resolver”.

Em seguida, Himmler procura desenvolver um raciocínio estatístico para, em poucas linhas à frente, evidenciar aquele que poderia ser o principal objetivo de seu proferimento. Segundo cifras levantadas por ele, naquele momento, de sete a dez por cento dos alemães seriam homossexuais. Esse é o diagnóstico que levaria a um problema, qual seja, a incapacidade de procriação e uma eventual fragilização do homem ariano ideal, questões basilares para a ideologia nazista. A partir desse momento, o caráter de alerta torna-se mais evidenciado, em uma passagem pontuada por enunciados patêmicos, algo que pode ser constatado no seguinte recorte: “[..] se a situação não mudar, isso vai significar que o nosso povo será **destruído** por esta **doença contagiosa**. A longo prazo, nenhum povo poderia resistir a tal **perturbação** de sua vida e de seu equilíbrio sexual.¹⁵” (Boisson, 1987, p. 218. Destaques e tradução nossa).

Os termos destacados no excerto anterior traçam dois movimentos que se mostram imbricados. Por um lado, temos a construção da imagem do inimigo, algo que poderia funcionar como a projeção negativa do “éthos” do outro (alheio ao que pode ser considerado desejável). Por outro lado, essa construção imagética se dá amparada por um marcado apelo aos enunciados emocionais. No entendimento de Plantin (2011),

[...] o enunciado de emoção é definido como uma forma que liga um termo de emoção (verbo ou substantivo), um lugar psicológico (chamado, às vezes, de experienciador) e uma fonte de emoção. Estamos falando de fonte e não de estímulos para enfatizar o fato de que não se trata de uma causalidade material, mas de uma construção linguística¹⁶ (Plantin, 2011, p. 145, tradução nossa).

Notemos, nesse movimento de análise, a presença da mencionada estrutura tripartite, formada em uma dinâmica que equaciona, em determinados proferimentos, um termo, um lugar e uma fonte. Pois bem, os termos de emoção seriam justamente os itens lexicais destacados (“destruído”, “doença contagiosa” e “perturbação”). O lugar psicológico é ocupado por Heinrich Himmler, que funciona como uma metonímia do povo alemão. O que o orador opera é uma tentativa, bem

¹⁵ Na versão em língua francesa: “[...] si la situation ne change pas, cela signifie que notre peuple sera anéanti pour cette maladie contagieuse. A long terme, aucun peuple ne pourrait résister à une telle perturbation de sa vie et de son équilibre sexuel.”

¹⁶ [...] l'énoncé d'émotion est défini comme une forme liant un terme d'émotion (verbe ou substantif) un lieu psychologique (dit parfois expérienceur), et une source de l'émotion. Nous parlons de source et non pas de stimulus pour souligner le fait qu'on a affaire non pas à une causalité matérielle mais à une construction langagière.

sucedida, em função de um estado de coisa totalitário vigente em seu país, de construção da identificação perante o auditório. Não se trata de uma simples personalização, embora o culto à personalidade seja marcante nesse tipo de regime, mas, sim, de um tipo de categoria, o sujeito ariano, simbolizado por Himmler, que se vê diante de uma forte ameaça.

Não parece ser por acaso que, durante grande parte de seu discurso, a terceira pessoa do plural seja convocada, em passagens como: “nós somos um Estado formado por homens.”¹⁷ (Boisson, 1987, p. 218, tradução nossa) e “Nós estamos entre homens e podemos, portanto, falar francamente.”¹⁸ (Boisson, 1987, p. 219, tradução nossa). O emprego dessa pessoa do discurso denota um efeito de partilha de valores, isto é, um efeito de proximidade, como se a voz de Himmler fosse uma espécie de voz coletiva monofônica. O sociólogo francês Pierre Ansart, buscando identificar o processo de adesão dos sujeitos a determinada agenda política, afirma que “o iniciado é chamado a uma mudança que se aproxima de uma transformação do eu: nova interpretação do ambiente circundante, nova construção da realidade, nova imagem de si, uma completa reorganização dos investimentos e dos ódios.” (Ansart, 2019, p. 95).

Notemos, com base nas palavras de Ansart, que a ideologia alemã parte, necessariamente, dessa nova interpretação de mundo e dessa reorganização patêmica, impulsionada pelo acionamento dos chamados “aparelhos afetivos de Estado”. Tais aparelhos empreendem a circulação dos enunciados de apelo emocional, criando um ambiente eufórico, em que são construídos dispositivos de identificação (projeção de novas imagens de si) e de (des)identificação, uma vez que, “no limite do sistema afetivo e policial, a vítima, para sobreviver, não tem outra saída a não ser reproduzir a lógica emocional do dominante.” (Ansart, 2019, p. 153).

Identificamos, no excerto anterior, os termos de emoção e o lugar psicológico, faltando apenas discernir a fonte dessa ameaça aos valores vigentes, que seria, por conseguinte, o alvo de um procedimento de mobilização da emoção do ódio. Trata-se, naturalmente, do sujeito homossexual, que se coloca, por intermédio de uma construção imagética enviesada – ressaltamos, com Plantin (2011), que estamos diante de um procedimento discursivo –, em oposição ao Estado viril, idealizado pelo sistema de valores, crenças e imaginários adotado pelo partido nacional-socialista. E esse inimigo seria o responsável, caso não entre em vigor uma política eficiente de

¹⁷ Na tradução em língua francesa: “Nous sommes un état d’hommes.”.

¹⁸ Na tradução em língua francesa: “Nous sommes entre hommes et pouvons donc parler franchement.”.

impedimento, pela eliminação do Estado alemão, conforme podemos atestar no próximo fragmento:

(T2) Há, entre os homossexuais, aqueles que adotam o seguinte ponto de vista: “o que eu faço não é da conta de ninguém, é da minha privacidade”. Mas não é a sua vida privada: a esfera sexual pode ser sinônimo de vida ou morte para um povo, da hegemonia mundial ou da redução da nossa importância a exemplo da Suíça. Um povo que tem muitos filhos pode aspirar à hegemonia mundial, ao domínio do mundo. Um povo de raça nobre, que possui poucos filhos, tem um bilhete para a vida após a morte: não terá mais importância em cinquenta ou cem anos, e em duzentos ou quinhentos anos estará morto.¹⁹ (Boisson, 1987, p. 218, tradução nossa).

Percebe-se, no fragmento anterior, um movimento marcado de esfacelamento das fronteiras entre o público e o privado, uma característica notável em sistemas totalitários, pois o que verdadeiramente importa, nesse “modus operandi”, é o Estado forte, centralizado e portador de inexistente margem de manobra de inscrição dos sujeitos, por intermédio da supressão absoluta dos limites. No recorte em questão, há duas dicotomias evidenciadas: a primeira, já mencionada, é a do público vs privado, e a segunda, que confere o tom emocional à fala de Himmler, é a da vida vs morte. É a segunda que permite caracterizar o trecho como um enunciado de emoção, pois ele visa suscitar, no auditório, a emoção do medo que deverá, “a posteriori”, deslizar para a emoção do ódio

Novamente, o “lugar psicológico” é ocupado por um sujeito que impulsiona, junto ao auditório, os valores, crenças e imaginários estipulados, forçosamente, pelos ideólogos do partido nazista, construindo, perante esse público-alvo, um efeito de representação. Lembrando que não há, nessa cena de interação, a primazia da persuasão (Himmler fala para generais da SS, ou seja, a recepção é amplamente dócil), mas, sim, uma argumentação pautada pelo reforço dos valores, salientando, nesse processo, a construção da imagem do inimigo, ou seja, a “fonte” do investimento emocional. Assim sendo, a dicotomia vida vs morte é facilmente interpretada, com o primeiro vetor sendo ocupado pela nação ariana, pensada para exercer uma hegemonia mundial por intermédio da primazia da procriação, e a

¹⁹ Na tradução em língua francesa: “Il y a parmi les homosexuels des gens qui adoptent le point de vue suivant : “ce que je fais ne regarde personne, c'est ma vie privée.”. Mais ce n'est pas leur vie privée : le domaine sexuel peut être synonyme de vie ou de mort pour un peuple, d'hégémonie mondiale ou de réduction de notre importance à celle de Suisse. Un peuple qui a beaucoup d'enfants peut prétendre à l'hégémonie mondiale, à la domination du monde. Un peuple de race noble qui a très peu d'enfants possède un billet pour l'au-delà : il n'aura plus aucune importance dans cinquante ou cent ans, et d'ici deux cents ou cinq cents ans il sera mort.”.

segunda, a ameaça a esse objetivo, os homossexuais, que possuem a potência de destruir esse Estado forte, bem como seus fundamentos.

Analisemos agora este último fragmento, lançando mão do modelo da “tópica da emoção”, de Plantin (2010). Para tanto, é necessário sinalizar a existência, algo já mencionado anteriormente, de uma dinâmica de deslizamento emocional, com a emoção do medo sendo discursivizada para suscitar, conseqüentemente, a emoção do ódio. A respeito da primeira, Aristóteles, nome basilar quando se pensa nesse procedimento de mobilização das emoções no discurso, a entende “como uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso.” (Aristóteles, 2011, p. 137). Este “mal vindouro” (que é enunciado por Himmler como corrente) configura-se em um grave problema (lembremo-nos da caracterização dos homossexuais presente em T1), que demandaria, com vista à resolução definitiva, impulsionar no imaginário ariano a emoção do ódio. Aristóteles, novamente ele, realiza uma interessante contraposição entre cólera e ódio, que nos permite caracterizar, de forma definitiva, os apelos emocionais construídos por Himmler em relação aos homossexuais, que seriam, a nosso ver, conforme pontuamos seguidamente ao longo do texto, marcados pela primazia da emoção do ódio.

A cólera é curada com o tempo, ao passo que o ódio é incurável. A cólera visa causar sofrimento, ao passo que o ódio visa a causar dano, causar o mal. [...] O colérico, se presenciar os sofrimentos do seu desafeto, é suscetível de experimentar alguma compaixão; quanto a quem odeia, em hipótese alguma se compadecerá de alguém que em alguma oportunidade odiou – o que se explica pelo fato de que o primeiro quer que o responsável por sua cólera experimente a sua cota de sofrimento, enquanto o segundo quer a destruição de quem odeia. (Aristóteles, 2011, p. 136-137).

Observemos que a estrutura totalitária, que tem o nazismo como um de seus principais exemplares ao longo da História, objetiva estancar, rapidamente, aquilo que seria considerado um problema. Não se deseja, então, aplicar soluções paliativas, temporárias, mas, ao contrário, o foco é a perenidade. Assim sendo, a emoção a ser mobilizada precisaria estar ancorada em um efeito de perpetuidade (lembremo-nos do epíteto motivador para a formulação do regime nazista – “Reich de mil anos”). Aristóteles observa que o ódio visaria à destruição do antagonista, e, a nosso ver, esse é o ponto motivador para o discurso homofóbico de Himmler, de caráter monofônico e assentado em uma visada moralista, repressora e intolerante. Analisemos o fragmento(T2), recorrendo ao modelo da tópica de Plantin (2010), sem

perder de vista que as questões topicalizadas, isto é, as categorias que compõem a tópica, funcionam como impulsionadoras do raciocínio central que estaria envolto à mobilização da emoção do ódio.

Quadro 1 – A tópica do deslizamento da emoção do medo para a emoção do ódio em (T2)

O que?	Proferimento de Heinrich Himmler, atestando a importância do aumento da população do “Reich”, e evocação da emoção do medo, como forma de alertar para os potenciais riscos da homossexualidade no território alemão.
Quem?	Heinrich Himmler, dirigindo-se aos generais da SS
Como?	Emprego do enunciado emocional para atestar a necessidade de rompimento das fronteiras entre o público e o privado, na obrigatoriedade de estabelecimento de um controle total.
Quando?	No dia 18 de fevereiro de 1937 (quatro anos de vigência do totalitarismo nazi na Alemanha).
Onde?	Não há informações precisas quanto ao lugar do proferimento. Possivelmente ele se dá em um dos inúmeros eventos nacionalistas impulsionados pelo partido nazista.
Quanto?	Público-alvo restrito à alta cúpula militar do partido nacional-socialista.
Por que?	Alertar para os riscos da homossexualidade nos territórios do “Reich”.
Consequências?	A negativa, segundo o orador, é o desaparecimento da nação, caso não seja tomada nenhuma providência. A positiva, a partir de seu proferimento, é a eliminação da causa desse potencial problema.
Normas?	Contexto de total confluência de valores, com a emoção do ódio sendo suscitada para reforçar esses valores.
Controle?	Evento controlado pelo orador, já que a fala se dá diante de um auditório previamente persuadido.
Distância?	Há um efeito de proximidade, já que Heinrich Himmler intenciona evocar, em seu discurso, uma voz coletiva, de caráter monofônico. Ao mesmo tempo, são traçadas diretrizes, que evocam um “éthos” de liderança, de conselheiro.
Aprovação?	Não há margem para reprovação, já que o que estaria em jogo é o futuro de uma nação totalitária.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

No fragmento seguinte, há uma enunciação mais direta, caracterizando, para o público-alvo, com as lentes mais do que deformadas da ideologia nazista, o sujeito homossexual, identificando o porquê de ele, obrigatoriamente, ser considerado um inimigo do “Reich”:

(T3) A homossexualidade, portanto, faz fracassar qualquer desempenho, qualquer sistema baseado no rendimento; destrói o Estado nos seus fundamentos. Além disso, o homossexual é um homem fisicamente doente. Ele é fraco e falível em todos os casos decisivos. Eu acredito que, na guerra, ele pode mostrar alguma coragem, de vez em quando, mas, no campo civil, eles são os homens mais covardes que se pode imaginar.²⁰ (Boisson, 1987, p. 220-221, tradução nossa).

É notório, nesse fragmento, o mecanismo de construção da imagem do outro, isto é, do inimigo a ser combatido. Estamos, neste recorte, diante de um emprego lexical mais agressivo, no que tange à carga emocional, com as argumentações empregadas pelo orador objetivando compor um quadro de justificação. Tais argumentações acabam sendo relevantes de serem analisadas, pois elas revelam o estado de coisas idealmente projetado para o regime nazista e seus componentes. Os termos de emoção (“destrói”, “doente”, “fraco”, “falível”, “covardes”) primam em apontar para aquilo que o homem ariano jamais poderia ser (emprego da modalidade deôntica), mas que potencialmente poderia se tornar, se esse problema não for adequadamente combatido. Um pouco mais adiante, o orador sacramenta a obrigatoriedade do empreendimento de uma cruzada contra o sujeito homossexual: “Nós devemos compreender que, se este vício continuar a propagar-se na Alemanha, sem que possamos combatê-lo, será o fim da Alemanha.”²¹ (Boisson, 1987, p. 222, tradução nossa).

Uma das formas mais empregadas, e lamentavelmente eficientes, pelo regime nazista foi a propaganda, utilizada, evidentemente, para deformar a imagem do outro. No entendimento de Pierre Ansart, em regimes totalitários, “a propaganda ativava a antinomia do puro e do impuro, da grandeza nacional e do delito, a partir do mecanismo dinâmico do bode expiatório. Trabalhava para cristalizar os polos negativos e neles fixar os ódios e fobias coletivas.” (Ansart, 2019, p. 151). No trecho em questão, a emoção do ódio emerge para referendar a necessidade de uma tomada de posição, por parte dos generais da SS. Vejamos como a tópica dessa emoção é elaborada.

²⁰ Na tradução em língua francesa: “L'homosexualité fait donc échouer tout rendement, tout système fondé sur le rendement ; elle détruit l'État dans ses fondements. A cela s'ajoute le fait que l'homosexuel est un homme radicalement malade sur le plan physique. Il est faible et se montre lâche dans tous les cas décisifs. Je crois qu'à la guerre il peut faire preuve de courage de temps à autre, mais dans le domaine civil ce sont les hommes les plus lâches que l'on puisse imaginer.”

²¹ Na tradução em língua francesa: “Nous devons comprendre que si ce vice continue à se répandre en Allemagne sans que nous puissions le combattre, ce sera la fin d'Allemagne.”

Quadro 2 – A tópica da emoção do ódio em (T3)

O que?	Proferimento de Heinrich Himmler, com vista a caracterizar o sujeito homossexual, o distanciando imagetivamente da imagem idealmente projetada para o homem ariano.
Quem?	Heinrich Himmler, dirigindo-se aos generais da SS
Como?	Combate irrestrito a esse comportamento, utilizando diversos meios, entre eles, o emprego da enunciação patêmica.
Quando?	No dia 18 de fevereiro de 1937 (quatro anos de vigência do totalitarismo nazi na Alemanha).
Onde?	Não há informações precisas quanto ao lugar do proferimento. Possivelmente ele se dá em um dos inúmeros eventos nacionalistas impulsionados pelo partido nazista.
Quanto?	Público-alvo restrito à alta cúpula militar do partido nacional-socialista.
Por que?	Denunciar a fraqueza e a falibilidade do sujeito homossexual, alertando para os riscos desse tipo de comportamento.
Consequências?	Enfraquecimento e posterior eliminação do “Reich”, caso esse comportamento não seja fortemente combatido.
Normas?	Contexto de total confluência de valores, com a emoção do ódio sendo suscitada para reforçar esses valores.
Controle?	Evento controlado pelo orador, já que a fala se dá diante de um auditório previamente persuadido.
Distância?	Há dois movimentos: o primeiro é de aproximação, já que todo o proferimento de Himmler evoca uma voz coletiva. O segundo movimento é de afastamento do outro (do inimigo), que se dá por intermédio dos enunciados de emoção.
Aprovação?	Não há margem para reprovação, já que o que estaria em jogo é o futuro de uma nação totalitária.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Por fim, para que não corramos o risco de empreender uma análise repetitiva, destaquemos um último fragmento, deixando claro que estamos buscando realizar uma análise das tópicas, atentando-nos para o teor conteudista dos excertos, criando um relativo efeito de independência entre eles, pois, do contrário, os apontamentos poderiam ficar acentuadamente repetitivos.

(T4) Ainda hoje, em todos os meses, há um caso de homossexualidade na SS. Temos entre oito a dez casos por ano. Por isso, decidi o seguinte: em todos os casos, estes indivíduos serão oficialmente degradados, excluídos da SS e levados a tribunal, sob a minha ordem, para um campo de concentração; e abatidos durante uma tentativa de fuga. Em cada caso confirmado, o corpo de origem deste indivíduo será informado por minha ordem. Assim, espero extirpar essas pessoas da SS, até o último: quero preservar o sangue nobre que recebemos na nossa organização e a obra de saneamento racial que perseguimos para a Alemanha.²² (Boisson, 1987, p. 222-223, tradução nossa).

²² Na tradução em língua francesa: “Aujourd'hui encore, il se présente tout les mois un cas d'homosexualité dans la SS. Nous avons de huit à dix cas par an. J'ai donc décidé la chose suivante : dans tous les cas, ces individus seront

No fragmento anterior, o espírito de exortação, com a mobilização da emoção do medo, mostra-se mais amplamente destacado, com sanções graves previstas para os oficiais que cederem à tentação de cultivar relacionamentos homossexuais. Destaquemos a presença de um fantasma que assola todo o território do “Reich”: os campos de concentração. Criados já no ano da ascensão nazista, esses espaços foram idealizados para receber, inicialmente, criminosos políticos, categoria que foi se alargando no decorrer dos anos subsequentes. É importante pontuar que a punição de deportação por motivo de homossexualidade era algo recorrente no regime nazista, antes ainda desse proferimento de Himmler. Régis Schlagdenhauffen realça a existência de uma

explosão de condenações, assentadas no Parágrafo 175. Elas quintuplicaram entre 1934 e 1935. Os homossexuais presos são internados nos campos de concentração de Berlim Columbia-Haus, de Lichtenburg e de Dachau. Eles são sistematicamente torturados, com alguns sendo assassinados.²³ (Schlagdenhauffen, 2011, p. 20).

Isto posto, o que parece haver na fala de Himmler é uma evocação à memória coletiva, uma vez que o auditório (os generais da SS) estaria consciente das graves punições previstas no Parágrafo 175 para a população civil. Em se tratando de um pelotão de elite, que simbolizaria o espírito do homem ariano, com o enaltecimento dos valores da virilidade, da bravura e da imponência, as sanções poderiam ser ainda mais severas. Observemos como o imaginário nazista desenha, em uma chave radical de idealização, o perfil do militar ariano:

Somos, digo-o muito claramente, uma ordem nacional-socialista - e eis a definição racial - de homens do Norte, e uma comunidade jurada de clãs. Somos, em primeiro lugar, uma ordem [...] nacional-socialista e militar, ligada pela disciplina e pelo sangue nórdico.²⁴ (Boisson, 1987, p. 226).

Essa caracterização, assentada no valor da honra e da nobreza, visa suscitar o orgulho do auditório. O orador fala diante dos “escolhidos”, daqueles que se

officiallement dégradés, exclus de la SS et traduits devant un tribunal, ils seront internés sur mon ordre dans un camp de concentration ; et abattus pendant 'une tentative de fuite'. Dans chaque cas, le corps d'origine de cet individu sera informé de la chose par mon ordre. j'espère ainsi extirper ces gens de la SS, jusqu'au dernier : je veux préserver le sang noble que nous recevons dans notre organisation et l'oeuvre d'assainissement racial que nous poursuivons pour l'Allemagne.”

²³ No original: “[...] Explosion des inculpations em vertu du Paragraph 175. Elles quintuplent entre 1934 et 1935. Les homosexuels arrêtés sont internés dans les camps de concentration de Berlin Columbia-Haus, de Lichtenburg et de Dachau. Ils sont systématiquement torturés, certains sont assassinés.”

²⁴ Na tradução em língua francesa: “ Nous sommes, je le dis très clairement, un ordre national-socialiste - et voici la définition raciale - d'hommes du Nord, et une communauté jurée de clans. Nous sommes tout d'abord un ordre [...]national-socialiste et militaire, lié par la discipline et par le sang au sang mordique.

diferenciam em relação aos outros, destituídos da condição de membros de um clã. Os dois últimos fragmentos conjugam juntos o orgulho (algo valorizado em demasia por um sistema nacionalista), o medo (não há tolerância para aqueles, principalmente os que fazem parte de um grupo de elite, que não seguirem a cartilha imposta pelo sistema totalitário) e o ódio (o inimigo, aquele que preconiza valores distintos ao que é pregado pelo discurso oficial, precisa ser destruído). Analisemos (T4) à luz do modelo da tópica da emoção do medo, que desliza, novamente, para a emoção do ódio:

Quadro 3 – A tópica do deslizamento da emoção do medo para a emoção do ódio em (T2)

O que?	Proferimento de Heinrich Himmler, com vista a evocar uma memória coletiva relacionada aos campos de concentração, objetivando, com isso, alertar para as severas punições imputadas aos oficiais que cultivarem relacionamentos homossexuais.
Quem?	Heinrich Himmler, dirigindo-se aos generais da SS
Como?	Combate irrestrito a esse comportamento, utilizando diversos meios, entre eles, o emprego da enunciação patêmica e a evocação da memória coletiva relacionada aos campos de concentração.
Quando?	No dia 18 de fevereiro de 1937 (quatro anos de vigência do totalitarismo nazi na Alemanha).
Onde?	Não há informações precisas quanto ao lugar do proferimento. Possivelmente ele se dá em um dos inúmeros eventos nacionalistas impulsionados pelo partido nazista.
Quanto?	Público-alvo restrito à alta cúpula militar do partido nacional-socialista.
Por que?	Para evitar o “enfraquecimento” e a perda de rigor do regime nazista, simbolizado por membros da alta cúpula militar.
Consequências?	Para os que não respeitarem as diretrizes traçadas, as consequências estipuladas são graves, partindo da deportação para os campos de concentração, podendo culminar na execução sumária.
Normas?	Contexto de total confluência de valores, com a emoção do medo sendo mobilizada para alertar a respeito desses valores (honra, bravura, virilidade, orgulho da pátria, família tradicional) que deveriam ser obrigatoriamente respeitados pelos generais da SS.
Controle?	Evento controlado pelo orador, já que a fala se dá na presença de um auditório previamente persuadido.
Distância?	Reduzida distância entre aqueles que seguem à risca as diretrizes e aqueles que a desafiam. A exortação traça dois movimentos: aproximação (voz coletiva monofônica) e apartamento (a dissidência é sumariamente proscrita).
Aprovação?	Não há margem para reprovação, já que o que estaria em jogo é o futuro de uma nação totalitária.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Considerações finais

Ao longo de nosso percurso acadêmico, objetivamos trabalhar com o discurso testemunhal, operacionalizado enquanto resistência a um determinado poder hegemônico, cujo modo de ação se baseia na intolerância e no esfacelamento das liberdades individuais. Para este artigo, o foco se modificou, uma vez que elencamos como objeto de pesquisa a fala do perpetrador, e, ressaltamos não se tratar de um agente da violência qualquer, mas, sim, de Heinrich Himmler, o segundo na linha de comando do regime nacional-socialista. Optamos por realizar essa modificação de abordagem pelo fato de acreditarmos que a resistência implica conhecer as estratégias adotadas por regimes antidemocráticos. Nesse sentido, a necessidade de jamais esquecer as barbáries cometidas por agentes da violência deve, a nosso ver, concatenar os testemunhos dos sobreviventes com a fala dos perpetradores, já que o processo de dominação tem no discurso um núcleo formador fundamental.

Além disso, o não esquecer funciona como um lema para impedir as repetições, algo que seria infrutífero sem a devida análise daquilo que era defendido pelos antagonistas. No discurso de Himmler, vemos algumas bases do partido nazista, no sentido de que o devido exame desse proferimento possibilita ao leitor entender minimamente a constituição, formulação e circulação dos discursos concernentes à ideologia nazista. Ademais, a relevância desse tipo de gesto de análise, a nosso ver, deve-se ao fato de que é possível encontrar ecos desse texto em futuridade, o que nos impede de pensar que o proferimento de Himmler estaria engessado em um tempo específico. Ao contrário, nesse contexto de condições de emergência para a vigência de governos autoritários (notemos a ascensão da extrema direita ao redor do mundo), é fundamental analisar esse tipo de “*corpus*”, já que, lamentavelmente, suas ideias continuam tendo alguma ressonância, se voltarmos o olhar para determinadas figuras políticas espalhadas no Brasil e ao redor do mundo.

A escolha do modelo de Plantin, em diálogo com o pensamento de Pierre Ansart, mostrou-se relevante, pois ela prima em desmistificar a ideia de que as emoções seriam apenas intercorrências não previstas, destituídas de racionalidades e marcadas somente por um aparente destempero do orador. Ao contrário, as emoções são argumentáveis e são mobilizadas junto ao público-alvo para justificar determinados valores, crenças e imaginários. Lamentavelmente, existiram “boas” razões para as emoções suscitadas por Heinrich Himmler junto ao seu auditório (falar para membros da alta cúpula militar implica traçar diretrizes que seriam sentidas na pele pela população civil). E, tão lamentável quanto, existem boas razões para

acreditar que essas emoções continuam sendo passíveis de serem operacionalizadas por sistemas de governo que flertam com a restrição às liberdades individuais como política de Estado.

Referências

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Tradução: Jacy Freitas. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2019.

ARISTÓTELES. **A retórica**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BOISSON, Jean. **Le Triangle Rose: la déportation des homosexuels, 1933-1945**. Paris: Éditions Robert Laffont, 1987.

LIMA, Helcira. As emoções e suas implicações na construção argumentativa. In: PIRIS, E. L. e OLÍMPIO-FERREIRA, M. (org.). **Discurso e argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016, v. 10, p. 241-259.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. Tradução: Emília Mendes. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). **As emoções no discurso**. V. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 57-80.

PLANTIN, Christian. **Les bonnes raisons des émotions: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné**. Berne: Peter Lang, 2011.

SCHLAGDENHAUFFEN, Régis. **Triangle Rose: la persécution nazie des homosexuels et sa mémoire**. Paris: Éditions Autrement, 2011.

SETTINGTON, Ken. **Marcados pelo triângulo rosa**. Tradução: Sandra Pina. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

TAMAGNE, Florence. **Histoire de l'homosexualité en Europe: Berlin, Londres, Paris 1919-1939**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.